

# Convenção delega à Constituinte decisão sobre mandato e sistema

Foto de Gustavo Miranda

BRASÍLIA — A Convenção Nacional do PMDB decidiu ontem delegar aos constituintes do Partido a responsabilidade de definir a duração do mandato do Presidente José Sarney e de optar entre a manutenção do presidencialismo e a adoção do parlamentarismo ou de um sistema de Governo misto. Depois de dois dias de muitas discussões e conchas, o grupo do Presidente do Partido, Ulysses Guimarães, auxiliado pelos Governadores e contando com a adesão, à última hora, do Centro Democrático do PMDB, aprovou a proposta por 458 votos contra 360 dos convencionais ligados ao Líder do Partido na Constituinte, Senador Mário Covas.

O resultado não foi surpresa. Durante todo o dia, foram muitos os contatos entre o Palácio da Alvorada e o Congresso Nacional, onde a Convenção se realizou — conversas que resultaram no adiamento, mais uma vez, da decisão sobre as duas questões. A decepção ficou com as galerias, que participaram ativamente. Quando Ulysses Guimarães anunciou o resultado, por apenas 98 votos de diferença, os constituintes já viviam um clima de final de festa. Por unanimidade, os políticos disseram que a vitória foi do PMDB, que afastou o perigo de fragmentação.

O Presidente José Sarney, por sua vez, sabe que conta hoje com 142 votos na bancada do PMDB na Constituinte. Esses votos, somados aos do PFL, PDS, PTB e PL, devem assegurar em novembro, quando a Constituinte examinar a matéria nas disposições transitórias da Carta que está sendo elaborada, a fixação do man-



Convencionais se aglomeram junto à mesa e à urna, para votar a preliminar

dato presidencial em cinco anos. Ficou claro, também, que se o Líder do Governo, Carlos Sant'Anna, insistisse em "bater chapa" — como pretendia —, provavelmente levaria o Governo à derrota dentro do Partido majoritário. A votação da preliminar indicou que o grupo de Covas é bem maior do que se pensava.

Até as 18 horas, Sant'Anna insistia em votar contra a preliminar, na certeza de que o Centro Democrático teria votos suficientes para garantir o mandato de cinco anos para o Presidente Sarney. Ele só recuou depois de uma determinação expressa do Presidente que, através de um telefonema, mandou que fechasse um acordo com Ulysses Guimarães, a favor do adiamento da decisão. Ou se-

ja, os grupos de Sarney e Ulysses, aliados, venceram Covas por uma estreita diferença, demonstrando a grande força que o Líder na Constituinte tem hoje no Partido.

Entre os muitos boatos que chegaram à Convenção, um era de que o Porta-Voz do Planalto, Frota Neto, havia declarado que o Presidente José Sarney estaria muito irritado com os Ministros que votaram contra a sua determinação de que o seu mandato deveria ser definido e por voto aberto. Sete Ministros votaram pelo sistema de votação secreta. Apesar de uma fonte do Planalto ter confirmado a irritação de Sarney, o próprio Porta-Voz, mais tarde, desmentiu as afirmações atribuídas a ele de

que o Presidente pretendia adotar represálias.

Quando proclamou os resultados, Ulysses Guimarães registrou o comparecimento de 92,7 por cento dos convencionais. Entre os 821 votos, houve apenas três abstenções.

— Esses números demonstram a grande força do PMDB. Eles falam mais do que qualquer discurso sobre o interesse, o empenho, a participação e a vigilância interna do PMDB. Vamos continuar construindo a democracia. A luta continua — disse Ulysses, ao encerrar a sessão.

— Foi uma vitória parcial bastante razoável — afirmou o Líder do Governo na Câmara, Deputado Carlos Sant'Anna (BA), no encerramento dos trabalhos. Segundo ele, a votação da preliminar remetendo à Constituinte a decisão sobre o mandato presidencial e o sistema de Governo coincidiu com os interesses do Partido.

O Relator da Comissão de Sistematização, Bernardo Cabral (PMDB-AM), vai manter em seu substitutivo o parlamentarismo como sistema de Governo e o mandato presidencial de cinco anos. Quanto ao mandato do Presidente José Sarney, que será tratado nas disposições transitórias, ainda não tem uma definição.

— Tudo vai depender de uma ampla negociação política — disse Cabral ontem, depois que o PMDB transferiu para a Constituinte a decisão sobre o tema.

Até agora, a Constituinte aprovou um sistema de Governo parlamentarista no qual o Presidente da República seria escolhido por via direta. O mandato é de cinco anos.

## Ulysses diz que vai aonde o PMDB for

Foto de Gilberto Alves

BRASÍLIA — Em um momento de grande emoção, quando os convencionais aclamavam seu nome, o Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, levantou-se e declarou: "Vou com o PMDB para onde for". Cenas como esta marcaram o encaminhamento da votação da preliminar que transfere para a Constituinte a decisão sobre sistema de Governo e mandato do Presidente José Sarney. Antes da votação, os convencionais, Ulysses e os principais líderes do Partido, de mãos dadas, cantaram o Hino Nacional.

Quatro políticos encaminharam a votação, mas apenas um deles, o Vice-Governador de São Paulo, Almino Afonso, propôs o adiamento em nome da unidade partidária, da tranquilidade da transição e do bom desfecho da Constituinte. Os Deputados Pimenta da Veiga (MG) e Fernando Lyra (PE) e o Senador Mário Covas discursaram a favor da decisão e pediram um mandato de quatro anos para Sarney. Só depois de seguidas intervenções de Ulysses, pedindo silêncio às torcidas organizadas nas galerias, eles conseguiram transmitir suas propostas.

"Fora Pimenta, o povo não aguenta" — foi o coro que acompanhou o Deputado Pimenta da Veiga enquanto falava a favor do mandato de quatro anos e do parlamentarismo. O ex-Líder do Governo na Câmara afirmou que a Nação vive o desconforto de uma situação que não foi aquela prometida pelo PMDB nas praças públicas. Disse que o Partido não pode ficar omissos diante dos desvios econômicos, políticos e sociais cometidos em nome do PMDB e que, portanto, a decisão sobre o mandato e o sistema de Governo seria a única postura digna a ser assumida. Afirmou ainda que o Governo quer silenciar o Partido pela via do fisiologismo



Covas (à esquerda) e Ulysses Guimarães conversam antes da votação

mo e da intimidação e manifestou-se contra a aplicação da Lei de Segurança Nacional pelo Partido que sempre a condenou.

"Dá quatro anos, dá quatro anos, olé, olé, olé" — este refrão, cantado a todo momento, era a marca da torcida por este período de mandato para Sarney. O coro aumentou quando o ex-Ministro da Justiça Fernando Lyra lembrou as afirmações de Tancredo Neves sobre a transição e acusou o Governo de tratar com descaso os Governadores do Partido, especialmente Pedro Simon (RS).

— Ele deveria ter o apoio do Partido e de Sarney, que deve a sua ascensão ao poder a nós — afirmou Lyra.

"É brizolista", gritaram. — Queremos decidir para que o PMDB não faça o jogo de Brizola — contra-atacou Lyra. — Precisamos completar aquela transição prometi-

da por Tancredo e traída por Sarney — concluiu o ex-Ministro.

O único a advogar o adiamento, Almino Afonso, pediu antes às galerias o direito de ser ouvido. Argumentou que o PMDB, depois de 20 anos de luta, se prepara para construir a democracia, escrevendo um novo texto constitucional e completando a transição democrática.

— A única forma de conseguirmos esses dois objetivos é mantendo a unidade do Partido. No regime autoritário, esta unidade era obtida com facilidade. Hoje, sua construção está se revelando muito difícil.

Mais importante no momento, segundo ele, é definir a posição do PMDB em relação a questões programáticas como a reforma agrária, estabilidade no emprego e outras. "Como conseguir avanços se não temos unidade interna?", perguntou. Almino, como os outros oradores, pediu a

revogação da LSN e disse que as duas questões que estavam em jogo na Convenção poderiam ser resolvidas com mais tranquilidade pela Constituinte.

"Queremos união, quatro anos é divisão". "Um, dois, três, quatro, cinco, mil. Queremos Mário Covas Presidente do Brasil" — as duas manifestações antagônicas receberam o Líder na Constituinte, Mário Covas, o último orador. Ele reafirmou sua posição favorável ao mandato de quatro anos e pela decisão agora. Lembrou compromissos firmados neste sentido tanto por Tancredo Neves quanto por José Sarney, quando, através do estabelecimento da Aliança Democrática, foram encarregados de conduzir a transição democrática.

Lembrou as diversas oportunidades em que o Presidente Sarney pediu ao PMDB para definir o seu mandato. Lembrou também que foi às vésperas da reunião da bancada do Partido na Constituinte, convocada para decidir esta questão, que o Presidente convocou cadeia de televisão e rádio para afirmar que seu mandato seria de cinco anos. "E demagogo", gritaram das galerias.

— É verdade — reagiu Covas, irritado. — Minha vida sempre foi pautada pela demagogia. E foi a demagogia, foi para que vocês pudessem me chamar de demagogo, que fui cassado nesta Casa.

Muito aplaudido, prestou uma homenagem a Ulysses e afirmou que não se consideraria derrotado se a Convenção não se decidisse pelos quatro anos. E encerrou o discurso com uma frase de Ulysses:

— Um político pode ser derrotado por defender um princípio vencido. Mas não pode ser desonrado por abrir mão de um princípio.

## Insistência de Sant'Anna em 'bater chapa' irrita os Governadores e Ministros

BRASÍLIA — A insistência do Líder do Governo em "bater chapa" irritou a maioria dos Governadores que se empenharam pelo adiamento, conscientes de que assumiam o risco de desgaste junto à opinião pública. Em reunião tensa pela manhã, 12 Governadores e o Líder na Câmara, Luiz Henrique, tentaram convencê-lo a mudar de idéia, mas Carlos Sant'Anna, confiante de que a maioria votaria a favor de cinco anos, disse que só aceitaria o adiamento se Mário Covas também concordasse, o que todos sabiam ser impossível naquele momento.

Irritado, Luiz Henrique anunciou que seria favorável ao voto secreto. "Fui traído", disse. Os partidários de Ulysses perceberam que o voto secreto seria melhor para aprovar a preliminar de adiamento, pois a pressão das galerias seria menor, e fizeram uma aliança de última hora com o grupo de Covas, que defendia o voto secreto de olho numa disputa futura entre quatro e cinco anos de mandato.

A estratégia de Covas poderia ter dado certo se o Presidente Sarney não ti-

vesse ordenado a Sant'Anna, às 18h, que orientasse seu bloco a votar pelo adiamento. No início da tarde, a posição dos Governadores Orestes Quêrcia (SP) e Waldir Pires (BA) sugeria que a decisão de Sarney fora acertada: irritados com o Líder do Governo, anunciaram que liberariam suas bancadas se houvesse votação sobre o mandato.

— O Sant'Anna fez uma bobagem — disse Quêrcia.

Com o quadro cada vez mais favorável aos quatro anos de mandato, não restou saída ao grupo de Ulysses senão reforçar o trabalho em favor do voto secreto, agora com a decisiva participação da maioria dos Ministros, para irritação do Líder do Governo.

— Julgamos que, para o Presidente, era a melhor opção. O Carlos Sant'Anna tem os seus valores e nós os nossos — disse Raphael de Almeida Magalhães.

Luiz Henrique não sabia identificar se a idéia de confronto partira do Presidente, de Sant'Anna ou do Deputado Prisco Viana.

O Governador Alvaro Dias, que esteve com Sarney no sábado, disse que o Presidente não pareceu interessado no confronto.

**PETROBRÁS**  
CANAL • CONCURSO EM AGOSTO  
TURMAS INTENSIVAS

**CURSO BAHIENSE**

Praca Ana Amélia, 9/5º  
(próximo à Santa Casa)  
262-9858 — 262-9760